

er. Thus, in “Music, Art and Metaphysics: Essays in Philosophical Aesthetics”, researchers can avail themselves of the expertise of a leading figure in the field of philosophical aesthetics whose work has been subject to academic scruti-

ny and whose arguments have stood the test of time, making it a worthwhile and authoritative resource for students and scholars.

Sister Kyla MacDonald, EP

DOUGHERTY, Michael V. *Moral Dilemmas in Medieval Thought: From Gratian to Aquinas*. New York: Cambridge University Press, 2011. 226 p. ISBN: 978-1-107-00707-9.

É sempre possível evitar o erro moral? Ou seja, alguém, posto diante de dois deveres opostos e simultâneos, pode ser compelido a agir erradamente? Michael Dougherty traz a lume a resposta de diversos teóricos medievais — sobretudo de São Tomás de Aquino — aos dilemas que fazem parte da vida moral, concluindo que, à luz destas olvidadas contribuições medievais, a história do dilema moral deve ser reescrita. Pois “muito do que parecia exclusivo da teoria moral do século XX era já bem conhecido há muito tempo” (p. 1).

De fato, Dougherty contraria a opinião corrente de que a primeira teorização séria a respeito dos dilemas morais foi alcançada na filosofia moderna, sendo apenas depurada pelos pensadores contemporâneos, e analisa em seu livro o pensamento ético do período medieval. Segundo o Autor, é comumente aceito que na Idade Média a totalidade dos teóricos morais aderiu à máxima “deve, implica, pode”. Entretanto, ele

apresenta aderentes medievais ao “deve, mas não pode”, demonstrando que os moralistas desse período não somente trataram do problema dos conflitos morais, mas propuseram soluções com um nível de sofisticação surpreendente. Para comprovar sua afirmação de que a filosofia medieval foi a primeira a fazer uma análise profunda da questão dos dilemas morais, Dougherty oferece uma amostra dos debates morais desde Graciano até João Capreolo, compreendendo um período de 300 anos (1150-1450).

No capítulo I, vemos o *Decretum Gratiani* e sua *Glosa*. A influência de Graciano sobre a tradição canonista e o pensamento medieval é patente, especialmente pelos amplos debates suscitados em torno dos dilemas morais abordados no *Decretum*.

O capítulo II apresenta 20 dilemas morais retirados da *Summa Aurea* de Guilherme de Auxerre e da franciscana *Summa Halensis*. É tratada aqui a clássica divisão dos dilemas morais em casos

de perplexidade espiritual e de perplexidade corporal, como também o recurso ao “princípio do mal menor”.

No capítulo III, Dougherty apresenta Raimundo Lúlio e o enredo moral da *Vita Coaetanea*. Com a devida precaução — por não se tratar de uma obra filosófica ou teológica de ética — analisa quatro dilemas morais tomados da *Vita*.

Sem dúvida, a melhor parte do livro está compreendida nos capítulos IV a VI. No quarto são expostos alguns dilemas morais segundo São Tomás; o quinto trata da operação da *sindérese* e suas falhas; enquanto o sexto procura responder — com a ajuda do *Defensiones Theologiae Divi Thomae Aquinatis* de João Capreolo — à pergunta deixada sem solução nos capítulos anteriores: se São Tomás admitia a existência de dilemas insolúveis, ocasionados por faltas prévias.

Dougherty reúne, no capítulo IV, 18 exemplos distintos, retirados de todo o *Corpus Thomisticum*, dividindo-os em seis grandes grupos: dilemas da consciência malformada, dilemas do clérigo desordenado, dilemas com má intenção, dilemas de leigos, dilemas de juramentos infelizes e dilemas de opções oculatas. Assim, supera-se a lacuna de toda a discussão contemporânea sobre a opinião de São Tomás (por estudar apenas quatro textos do Doutor Angélico), pois os textos apresentados por Dougherty abrangem diversos gêneros — comentários bíblicos, questões disputadas, questões *quodlibetales*, como também as

obras maiores de síntese teológica — e compreendem as obras iniciais, intermediárias e tardias do Aquinate, concluindo o Autor: “Tomás de Aquino não parece modificar seu parecer a respeito dos dilemas morais” (p. 117).

A contribuição genial do Aquinate está em distinguir entre dilemas de agente-inocente e dilemas de agente-culpado, com a distinção formal entre casos de perplexidade *simpliciter* e casos de perplexidade *secundum quid*. Isto revolucionou a reflexão e ocasionou o abandono da distinção anterior. Em nenhum dos casos analisados, o Doutor Angélico aceita que a perplexidade seja *simpliciter*, mas apenas *secundum quid*. Também tem interesse, neste capítulo, a busca de uma resposta tomista ao artigo incompleto sobre a *perplexitas* do *Quodlibet XII*.

Incluindo no capítulo V as opiniões de pensadores contemporâneos ao Aquinate e dos que lhe foram imediatamente posteriores — São Boaventura, Henrique de Gand, Egídio Romano, Duns Scoto, Ockham, etc. —, Dougherty não deixa de apresentar algumas controvérsias do século XX sobre a interpretação de São Tomás, que ele atribui ao fato de não serem utilizados todos os textos tomistas disponíveis.

Mas, afinal, é possível sustentar que o Aquinate não admite a existência de dilemas *secundum quid* insolúveis? Com argumentação sólida e bem fundamentada, Dougherty demonstra no capítulo VI que a resposta deve ser afirmativa.

Logo, o princípio que permitiria a escolha do mal menor é falso. Esta temática possui grande relevância na atualidade e recebe adequado tratamento no livro.

Com ampla documentação, argumentação sólida, linguagem elevada e suave — ainda quando refuta William Mann —, a obra não deixa de ser muito interessante. A contextualização de opiniões permite entrever o âmbito em que se movia São Tomás, como também suas fontes e influências, originalidade e genialidade.

Acessível não só aos especialistas, a obra de Dougherty é de fácil compreensão até para um leigo na matéria. Assim, se uma conversa começa a pesar, solte no ar um dos casos do livro (p. 78): “um homem, escapando de um assassino, entra da casa de outrem; o dono, interrogado pelo perseguidor, está entre mentir ou trair seu protegido”. O que você faria?

Pe. Joshua Alexander Sequeira, EP
(Professor no ITTA)

DAVIES, Brian. *Thomas Aquinas on God and Evil*. Oxford: Oxford University Press, 2011. 192 p. ISBN: 978-0-19-979090-6.

Existe o mal? Se existe, é possível considerarmos um “problema do mal”? Ou ainda, como responder à famosa objeção de Hume: “Deus quer evitar o mal e não pode; logo é impotente. Ou é capaz de evitar, mas não o quer; logo é malévol”? Eis algumas problemáticas apresentadas pelo conciso livro *Thomas Aquinas on God and Evil*, escrito por um grande especialista em São Tomás, Fr. Brian Davies, OP, da Universidade Fordham, de Nova York.

Conforme o autor atesta no prefácio, o livro tem como público-alvo estudantes de Filosofia, Teologia e leitores interessados em São Tomás ou simplesmente na noção de Deus e mal (cf. p. x). Não obstante, Fr. Davies aborda alguns desafiantes temas a respeito do mal, sempre dei-

xando margem para futuros aprofundamentos. Embora examine certas questões contemporâneas a esse respeito em J. L. Mackie and William Rowe, prefere guardar distância dos mais recentes debates do neoateísmo. Contudo, o autor sintetiza de modo brilhante alguns argumentos teístas, notadamente de Alvin Plantinga, para quem, ainda que não se prove a compatibilidade da existência divina com a existência do mal, esta de nenhum modo pode negar a existência de Deus. Aliás, cumpre recordar que, segundo uma formidável intuição de São Tomás de Aquino, pode-se afirmar, na realidade, o contrário: “*Si malum est, Deus est*” (*Contra gentiles*, III, 71), ou seja, se existe o mal, existe então um bem contingente, logo Deus existe (Bem necessário).